

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

# EVOLUÇÃO DAS PROPRIEDADES AGRÍCOLAS DO MUNICÍPIO DE ARARAS. (1850-1965) (1).

---

**JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ**  
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

## INTRODUÇÃO.

O presente trabalho foi organizado com base na documentação recolhida para nossa tese de doutoramento em Geografia: "Organização Agrária do Município de Araras", e não totalmente utilizada na referida tese.

Três razões nos levaram a aprofundar o estudo evolutivo da organização agrária ararense, forçando-nos a penetrar, praticamente, no campo da História: primeiro, a inexistência de fontes secundárias que dessem uma idéia clara e precisa da evolução agrária particular da reduzida área em estudo; segundo, a necessidade de um estudo pormenorizado da propriedade agrícola, pois a finalidade do trabalho era a classificação de "Tipos de Agricultura" (2), tendo por base a unidade fundiária; terceiro, o nosso engajamento numa corrente que não só vê a organização agrária de um modo global, um estudo de "combinações", mas também como um estudo de "situações". Situação

"que é, por definição, o momento presente em Geografia — de ações que se contrariam, se moderam ou se reforçam e sofrem os efeitos de acelerações, de freios ou de inibições por parte dos elementos duráveis do meio e das seqüelas das situações anteriores" (3).

- 
- (1). — Conferência proferida no dia 5 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).
  - (2). — Tipo de Agricultura, segundo orientação da União Geográfica Internacional, seria a noção suprema da Tipologia Agrícola, englobando as características sociais, funcionais e de produção da organização agrária. Sobre o assunto veja-se: Jerzy Kostrowicki, *Agricultural Typology, Agricultural Regionalization, Agricultural Development*. Geographia Polonica, 1969, págs. 266-274.
  - (3). — Pierre George, *A Geografia Ativa, Difusão Européia do Livro e Editora da USP, São Paulo, 1966, pág. 23.*

Partindo ainda de que essa “situação” deve ser analisada dentro de uma perspectiva ativa, em vista dos processos atuantes na área, compreende-se que a associação entre a Geografia e a História se torna mais íntima. Na realidade, a idéia da “combinação” agrícola, expressão de uma síntese de todos os fatos rurais existe também na História, pois a aplicação das idéias de Marc Bloch não só pressupõe a existência de uma síntese como a importância de fatos passados para a explicação de aspectos atuais da organização agrária (4). A necessidade de um estudo evolutivo da “combinação”, eliminou a possibilidade de uma simples análise da produção agrícola em vários anos.

Como desejávamos estudar a organização agrária tendo como base a propriedade, foi necessária a elaboração de um mapa cadastral do município. Isto só foi possível com o emprêgo de fotografias aéreas e intenso trabalho de campo.

Com base neste mapa das propriedades atuais, tentamos a restituição da malha fundiária em épocas precedentes, à semelhança dos primeiros estudos de História Rural efetuados na Europa, sobretudo entre os anglo-saxões, que visavam o levantamento das formas das propriedades rurais medievais, baseados nos arquivos de abadias (5). O levantamento das propriedades em diversas épocas precedentes permitiria uma série de conclusões a respeito da evolução agrária, às quais muito dificilmente se chegaria com base em documentos. Estas conclusões, muitas vezes, decorreriam da simples correlação dos mapas cadastrais com mapa hipsométrico, geológico, pedológico e de vegetação. Tal foi o caso por exemplo, quando afirmamos que o início da fragmentação das fazendas ocorreu nas suas partes impróprias para o cultivo do café.

Para o mapeamento das propriedades recolhemos algumas informações em cartórios, arquivos de fazendas e, sobretudo, de antigos moradores da área. Com base em descrições das primeiras sesmarias, pudemos traçar os limites das fazendas em meados do século XIX. A partir daí reconstituímos a evolução das principais propriedades agrícolas, mormente os casos de fragmentação a que foram sujeitas em consequência das crises da economia cafeeira.

Muitos problemas de ordem técnica foram encontrados no desenrolar da pesquisa, e sua discussão servirá de apêlo para outros estudiosos do assunto:

---

(4) . — Marc Bloch, *Les Caractères Originaux de l'Histoire Rural Française*, Lib. Armand Colin, Paris, 1952.

(5) . — Gilbert Rullière, *Localization et Rythmes de l'Activité Agricole*, Lib. Armand Colin, Paris, s/d, pág. 12.

- 1º). — O mapeamento das propriedades atuais foi indispensável para a restituição da malha fundiária nas diversas épocas, pois nem sempre as plantas antigas permitem a transposição das formas para um mapa planimétrico relativamente correto, feito à base de fotografia aérea. As distorções são muito grandes e é preciso que haja uma comparação com as propriedades atuais, que se originaram da antiga fazenda. Não nos parece haver nenhuma possibilidade da reconstituição de malhas fundiárias passadas sem a restituição da presente.
- 2º). — A simples utilização de documentos encontrados em cartórios, ou mesmo em Registros de Imóveis, não permite a reconstituição da malha fundiária pois, geralmente, fazem referências imprecisas sobre as divisas das propriedades. Nem mesmo a malha fundiária atual pode ser construída com base nessas informações. Portanto, o trabalho tem que ser feito no campo, junto às próprias propriedades.
- 3º). — Como conseqüência do problema acima levantado, teoricamente a pesquisa deveria ser feita nos arquivos das propriedades que, entretanto praticamente inexistem. Pelo menos na área estudada, as fazendas quase não dispõem de arquivos e, as poucas que os possuíam, os tem destruído. Mesmo nos poucos arquivos encontrados, quase não existem plantas, que são o documento fundamental para a restituição da malha. Resta, então, a informação verbal dada pelos antigos moradores da área e que, freqüentemente, lembram-se das alterações ocorridas no regime fundiário.
- 4º). — Com as informações disponíveis, embora nem sempre seja possível o mapeamento das propriedades num ano específico, pode ser feito para determinadas fases. Daí a indicação dos mapas como “esboços”, pois não há possibilidades de se descobrir alterações ocorridas dentro do intervalo de tempo escolhido. Assim é que, em Araras, conseguimos contruir esboços da malha fundiárias em meados do século XIX, 1880-1900, fazendas do período anterior em 1930 e 1965. É preciso esclarecer, também, que nem sempre há possibilidade da reconstituição de uma área pré-fixada. Em Araras, por exemplo, não conseguimos a reconstituição da malha de todo o município, sobretudo no sul e leste.
- 5º). — Os trabalhos de restituição das antigas divisas de propriedades têm que ser feitos atualmente, pois a maior parte dos possíveis informantes já está com idade avançada. Se considerarmos a importância do período 1900-1930 para a análise das propriedades do Estado de São Paulo, sobretudo daquelas localizadas nas antigas e atuais regiões cafeeiras, onde foi mais atuante o processo de fragmentação, percebemos a necessidade de certa rapidez nos estudos dessa natureza. A nossa experiência no Município de Araras deixou bem claro que o falecimento do antigo colono dificulta, ou mesmo impede, a restituição da antiga malha fundiária, pois seus descendentes geralmente não têm conhecimentos suficientes para um trabalho dessa espécie.

Apesar das grandes dificuldades e dos problemas apresentados, julgamos que o trabalho pode ser feito e possibilita um conhecimento muito real da evolução histórica da área pesquisada, sobretudo se considerarmos que as alterações sofridas no âmbito da propriedade têm repercussões profundas sobre toda a organização agrária.

\*

### AS PROPRIEDADES DO PERÍODO PRÉ-CAFEIEIRO.

O povoamento das terras do atual Município de Araras, no vale do ribeirão do mesmo nome, começou muito cedo, ainda no século XVIII, em função das vias de circulação para a região mineira. Foi,

“expansão do núcleo demográfico de Mogi-Guaçu, arraial de Mogi, caminho do sertão das minas dos Guaiases, no dizer dos documentos da época” (6).

Oficialmente a posse da terra se deu em 1727, quando Manoel de Miranda Freire recebeu uma sesmaria de cerca de 4.050 alqueires, às margens do Ribeirão das Araras. Essa sesmaria ocupava as terras das atuais fazendas Santa Cruz, Araras, Graminha e Santa Terezinha, as duas últimas atualmente situadas no Município de Leme (7). Posteriormente novas sesmarias foram sendo concedidas, outras fazendas se instalaram para a cultura de cereais e da cana-de-açúcar. Em 1818 uma sesmaria é doada a três indivíduos, que haviam descoberto terras devolutas no vale do Ribeirão das Araras, Francisco de Gois Maciel, Vicente Pires de Andrade e Manoel da Rosa Maciel (8). Neste mesmo ano, a quarta parte desse latifúndio foi adquirida por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o futuro Senador do Império e pioneiro na introdução do trabalho de imigrantes nas fazendas da Província, para formação da famosa Fazenda Angélica. Em 1939 é instalada a grande Fazenda Campo Alto, pelo fazendeiro Martinho Prado, destinada à produção de cana-de-açúcar (9).

Começa para a região a época dos grandes latifúndios, muitos originários de sesmarias, aplicando técnicas extensivas e mão-de-obra escrava. A cana-de-açúcar era bastante expressiva na época, como comprovam afirmativas de viajantes:

“é com a parouquia de Mogi-Guassú que começa a vasta extensão de terras muito povoada que, em toda a província de São Paulo, produz maior quantidade de cana de assucar” (10).

(6). — Oscar Ulson, “História de Araras”, *Album de Araras*, São Paulo, 1948, s.p.

(7). — *Ibidem*.

(8). — *Ibidem*.

(9). — Pierre Monbeig, *Pionniers et Planteurs*, Lib. Armand Collin, Paris 1952.

(10). — Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens no Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, Livraria Martins, 1940, pág. 140.

Há certo exagêro ao se falar em terras muito povoadas porque, na realidade, a densidade demográfica era muito baixa, desde que a agricultura pouco racional e de baixa produtividade não suportaria densidade demográfica muito elevada. O que havia era vasta área despovoada e coberta de matas, intercalada com núcleos demográficos formados pelas sedes de fazendas que, na época, deviam se destacar no espaço vazio circunvizinho. Os grandes latifúndios deixavam extensa área improdutiva, ocupada por matas e capoeiras. O sistema extensivo, basicamente uma rotação de terras, obrigava a perda temporária da área deixada em pousio. Para o plantio da própria cana-de-açúcar utilizava-se o alqueive pois, segundo a mentalidade da época, em caso contrário a terra muito fértil faria a cana crescer demasiadamente: na colheita haveria grande quantidade de caldo mas se obteria pouco açúcar (11).

Com uma agricultura nessas condições, é evidente que as propriedades teriam de ocupar uma área muito grande. De fato, se observarmos a fig. 1, que representa as fazendas ararenses em 1840, vemos que apenas nove delas ocupavam quase toda a área atual do município. Na realidade, parece ter sido normal a grande dimensão da fazenda canavieira paulista do século XIX, embora seja difícil a definição do que seria uma grande, média ou pequena propriedade, dentro das condições específicas da agricultura realizada (12).

Para a transformação dessa organização agrária sem grandes condições intrínsecas de desenvolvimento, era necessária a introdução de um novo elemento, uma nova cultura capaz de quebrar a combinação agrícola firmada. Evidentemente, a cana-de-açúcar não tinha condições para estimular as transformações, desde que o mercado não a incentivava.

\*

## AS PROPRIEDADES DO PERÍODO CAFEIEIRO.

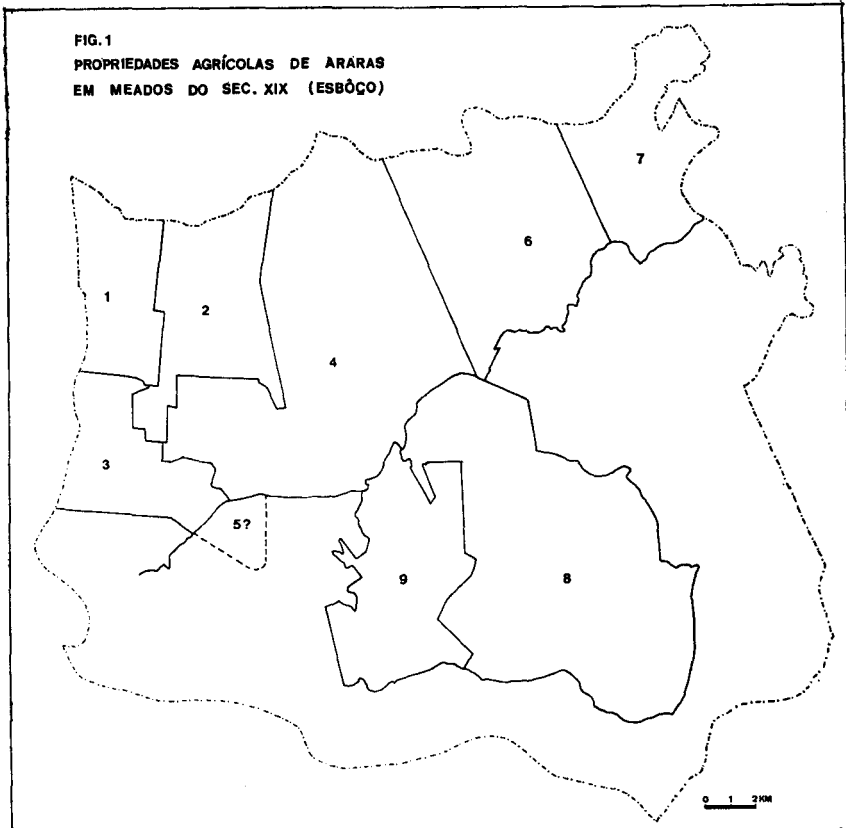
O elemento que veio abalar a economia canavieira da primeira metade do século XIX foi o café, que abandonava as terras cansadas do vale do Paraíba, ocupava os solos originários do cristalino da Baixa Mogiana e agora alcançava a Depressão e sua famosa terra roxa. Em 1848, há referências de que José Lacerda Guimarães, posteriormente Barão de Arary, começou a cultivar café em sua propriedade localizada nas terras do atual Município de Araras (13).

(11). — Thomas Davatz, *Memórias de um Colono no Brasil 1850*, Livreria Martins, São Paulo, 1941, pág. 46.

(12). — Maria Thereza S. Petrone, *A Lavoura Canavieira em São Paulo*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968, pág. 59.

(13). — Ulson, *op. cit.*

As fazendas de café procuraram as melhores terras para suas plantações, que já eram ocupadas pela cultura canavieira. Assim, houve superimposição da nova cultura numa organização agrária anterior. De início até as técnicas de cultivo foram aproveitadas, inclusive o mêdo das terras muito férteis (14).



Pouco a pouco, entretanto, o café veio mudar radicalmente a paisagem, as relações de trabalho e a posição econômica e social dos proprietários de terras.

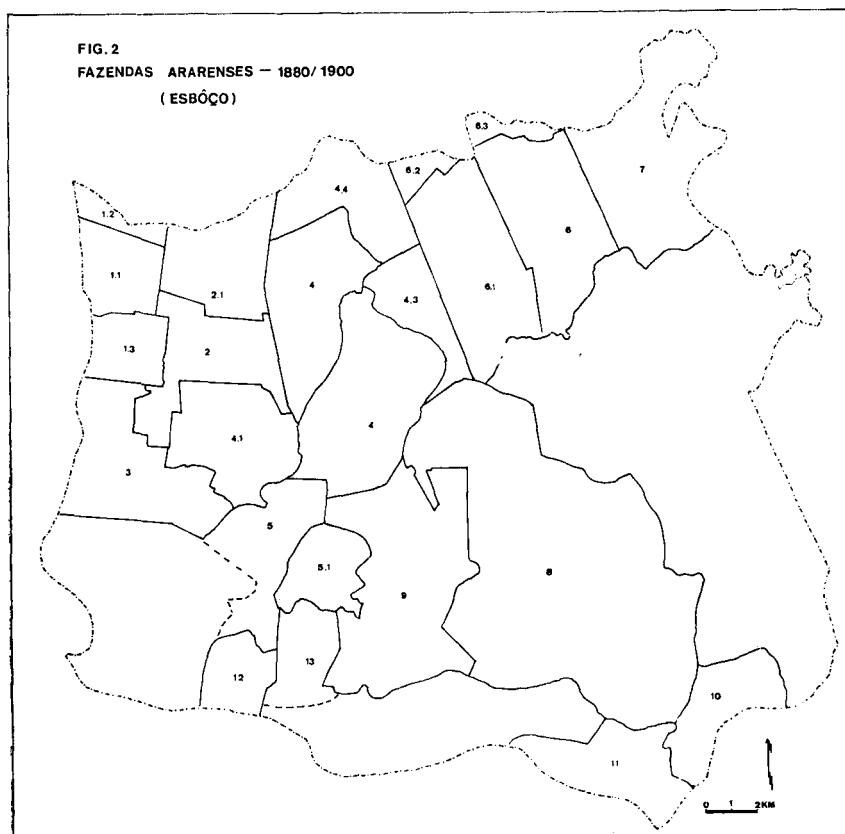
De início, as fazendas cafeeiras apoiaram-se na mão-de-obra já utilizada na lavoura da cana-de-açúcar. O trabalho servil, todavia, não atendia às exigências da nova cultura e os fazendeiros da região procuraram introduzir o trabalho de imigrantes, seguindo o exemplo

(14). — Davatz, *op. cit.*

do Senador Vergueiro na sua Fazenda Angélica, parte em Araras (15).

Todos os defeitos do sistema de parceria introduzido por Vergueiro, já por demais conhecidos, a revolta dos parceiros de Ibicaba e a coexistência do trabalho escravo e livre acabaram por fazer desaparecer o sistema. Realmente, havia coexistência nas fazendas entre os escravos e os colonos. Em 1872, Araras tinha 5.495 habitantes, dentre os quais 2.065 escravos, portanto, 37,5% do total da população (16).

Como era de se esperar, a introdução do café e o conseqüente desenvolvimento da área trouxe uma fragmentação das grandes fazendas, possivelmente em função de um maior aproveitamento do



(15). — Diana Maria de Faro Leal Diniz, *A Lavoura Cafeeira em Rio Claro na 2ª Metade do Século XIX*, inédito, 1969.

(16). — Manuel E. de Azevedo Marques, *Apontamentos Históricos, Geográficos e Bibliográficos* .... Liv. Laemmert, Rio de Janeiro 1879, 2º vol. pág. 95.

espaço. Comparando-se o esboço da malha fundiária de meados do século com o do período 1880-1900 (fig. 2), observa-se que quase a totalidade das fazendas anteriores foi fragmentada. Em algumas o processo decorreu da herança, como foi o caso do Sítio Montevideo, em outras foi a compra, como na Fazenda Angélica (17).

O desenvolvimento da cultura cafeeira trouxe grande progresso para Araras, embora um pequeno período de desenvolvimento do algodão também tenha ocorrido. Após o fracasso das colônias de parceria, novos imigrantes passaram a fluir para a região, recebendo salário fixo por trato de certa quantidade de pés de café. Em toda a área progrediam as derrubadas, enquanto se estendiam as novas plantações de café, estimuladas por um mercado ávido.

Em 19 de maio de 1865 foi concedido um patrimônio à Capela de Nossa Senhora do Patrocínio, que veio dar origem à atual cidade. A freguesia foi formada em 1869 e a povoação foi elevada a vila em 1871 e à categoria de cidade em 1879 (18). O progresso da povoação despertava a admiração dos cronistas da época, que assim se manifestavam:

“A boa qualidade das terras para a lavoura do café explica o rápido desenvolvimento desta povoação” (19).

Em 1877 a vila havia sido alcançada pelos trilhos da Companhia Paulista, através do ramal oriundo da estação de Cordeiro. Com as facilidades advindas da ferrovia, a exportação de café pôde ser efetuada mais facilmente até o pôrto de Santos. Os cafezais ampliavam-se e, em 1886, Araras já contava com mais de 8.000.000 de pés e a produção alcançava 500.000 arrôbas (20).

TABELA 1

ENTRADA DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS EM ALGUNS  
MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

	1895(1)	1898(2)	1904(3)	1908(4)	1911(5)
ARARAS	944	298	120	132	310
LIMEIRA	1013	276	37	116	43
RIO CLARO	2523	488	29	296	333
CAMPINAS		1164		503	1204
BOTUCATÚ	3143	358	142	281	724
RIBEIRÃO PRÊTO	1576	2146	1243	2847	1717

(17). — Diana Diniz, *op. cit.*

(18). — Ulson, *op. cit.*

(19). — Azevedo Marques, *op. cit.*

(20). — *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística, Leroy King Book-Walter, São Paulo, 1888.*

*Fonte dos dados:*

1. — *Relatório do Anno de 1895*, apresentado ao Cidadão Dr. Antonio Dino da Costa Bueno, pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, Repartição de Estatística e Arquivo, São Paulo, 1896.
2. — *Relatório do ano de 1898*, apresentado ao Cidadão Dr. José Pereira de Queiroz, Sec. dos Negócios do Interior pelo Dr. Antonio de T. Piza. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo, S. P., 1900.
3. — *Annuario Estatístico do Estado de São Paulo* — 1904. Repartição de Estatística e do Archivo de São Paulo, S. P., 1907.
4. — *Annuario Estatístico de São Paulo* — 1908, vol. 1. Repart. de Est. e Archivo do Estado de São Paulo, 1910.
5. — *Relatorio* Apresentado ao Dr. M. J. de Albuquerque Lima, Presidente do Estado, pelo Dr. Antonio de Padua Salles, Sec. da Agricultura — Annos de 1910-1911. Sec. de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, S. P., 1912.

Após a Abolição (21) e a República o município continuou a progredir, duplicando sua população entre 1890 e 1900. Entretanto, no fim do século o ritmo de progresso diminuía. Os dados de entrada de imigrantes no município demonstram que Araras não era mais um foco de atração de mão-de-obra. Esta agora se destinava aos grandes centros mais para o oeste, que pagavam melhores salários.

\*

#### A DESAGREGAÇÃO DAS FAZENDAS ( $\pm$ 1900 a 1930).

A partir do início do século começa a decadência da economia cafeeira de Araras, e tal fato é perfeitamente comprovado pelo processo de fragmentação a que foram sujeitas suas grandes propriedades agrícolas. Este processo de transformação, entre o apogeu do café, mais ou menos do início do século, e a sua marginalização na economia ararense dura, aproximadamente, trinta anos. Somente com a crise mundial de 1929 a velha estrutura cafeeira ruiu completamente. Assim, entre 1900 e 1930 a agricultura de Araras atravessou uma fase de transição do café para a policultura, profundamente caracterizada pela pequena propriedade decorrente da fragmentação das grandes fazendas.

A crise deixava sem emprêgo numerosa mão-de-obra e os campos se despovoavam. Os colonos e assalariados iam para as cidades ou para as zonas pioneiras do oeste, mais ricas e dinâmicas.

---

(21). — É interessante notar que a abolição da escravatura não repercutiu no Município de Araras, pois seu último escravo havia sido liberto em 8 de abril de 1888. A Campanha abolicionista contou com apóio da população, inclusive de fazendeiros como Lourenço Dias, que transformou sua fazenda São Tomé em refúgio para escravos fugidos de outras propriedades e municípios.

“Araras atravessava em 1908 um período de franca decadência. Município constituído então quase que exclusivamente de latifúndios e no qual a lavoura cafeeira era a única fonte de riqueza, — a depreciação do café, a diminuição, conseqüente do salário dos trabalhadores rurais, o êxodo destes, em grande número, todos os anos, para zonas novas, que lhes acenavam com melhores vantagens para a cultura de cereais, foram as causas da crise com que Araras se viu a braços...” (22).

E' evidente que a magnitude dos problemas cafeeiros de Araras, não decorria apenas das questões referentes à comercialização da produção em seus aspectos internacionais. Ligava-se também a problemas internos de produtividade, com cafezais de quase cinqüenta anos e plantados em precárias condições técnicas. Além disso, a formação de novos cafezais era impossível, não só em decorrência do impôsto sôbre cada alqueire de café nôvo, como pela inexistência de maiores áreas de solos propícios à cultura. De fato, em 1900, a quantidade de cafeeiros no município permite supor estarem tomadas pela cultura tôdas as manchas de terra-roxa e de terra-roxa misturada, que não ocupam superfície muito grande.

A solução encontrada pelos fazendeiros para resolver o problema foi a venda das terras, o único patrimônio de que dispunham. Os grandes senhores de café não contavam com reservas financeiras para enfrentar a crise; todo o capital estava empregado na terra, nas máquinas de beneficiamento e nos grandes cafezais, expandidos demasiadamente.

De início foram vendidas as partes das fazendas impróprias para o cultivo do café, as baixadas úmidas, as vertentes sujeitas a geadas e as áreas de solos mais arenosos. Estabelecem-se os “bairros” rurais do município, estruturados nos pequenos sítios de formas regulares e cujos proprietários ascendiam a um *status* econômico mais elevado. Cultivavam cereais, alguns plantavam poucos pés de café e se desenvolvia aceleradamente o cultivo da mandioca e, posteriormente, o da laranja (A área tomada às fazendas para a formação dos “bairros” pode ser vista na figura 3).

Foi a agricultura desenvolvida nessas pequenas propriedades que permitiu a retomada do desenvolvimento do município, o que ocorreu a partir de 1910. Entretanto, para as velhas fazendas cafeeiras os problemas persistiam, apesar de um relativo maior equilíbrio do mercado internacional do café.

As grandes fazendas continuaram a produzir e, considerando-se o município, os totais de produção não se alteraram demasiadamente. Pela tabela 2 vê-se que, entre 1912 e 1922, a produção foi praticamente estável. Entretanto, há um fato muito importante que

---

(22). — João Caldeira Netto, *As Nossas Riquezas*, E.C.P. Brasil, São Paulo, 1929, V vol., pág. 82

deve ser considerado: enquanto o rendimento médio dos quatro primeiros anos foi de 63,4 arrôbas por mil pés, nos últimos quatro foi de apenas 34,3 arrôbas.

*TABELA 2*  
*PRODUÇÃO DE CAFÉ EM ARARAS (1912-1922).*

ano	produção (arrôbas)	arrôb./1000 pés
1912-13	390.620	53,7
1913-14	482.590	66,4
1914-15	377.280	51,9
1915-16	595.240	81,9
1916-17	316.680	43,5
1917-18	630.000	86,7
1918-19	218.000	30,0
1919-20	150.000	20,6
1920-21	412.000	56,7
1921-22	220.000	30,2

Fontes dos dados: Marcelo Piza, *Os municípios do Estado de São Paulo*, 1924, págs. 20-22.

Possivelmente foi em conseqüência do grande volume de dívidas dos proprietários rurais e da perda de eficiência das suas fazendas que a fragmentação continuou. A observação da figura 4 comprova êste fato, pois representa a fragmentação da fazenda Campo Alto entre 1900 e 1937 (23). Fazendas falidas eram, inclusive, loteadas pela própria municipalidade, capaz de oferecer maiores facilidades de pagamento, pois era de seu interesse aumentar a capacidade produtiva do município. Tal foi o caso da formação do Núcleo Araruna, criado em 1917. A antiga fazenda do mesmo nome teve divididos os seus 816 alqueires em 73 lotes, vendidos aos antigos colonos da fazenda e, principalmente, das fazendas vizinhas (24).

A continuação do processo de fragmentação forçou a venda de área com cafezais, às vezes ainda com boa produção. Tal fato explica a presença de grande número de pés de café em propriedades de sitiantes estrangeiros. Em 1924, cerca de 17,7% dos cafeeiros pertenciam a quarenta lavradores estrangeiros, assim distribuídos (25):

33	italianos	—	676.000 pés de café
3	espanhóis	—	230.000 pés de café
2	alemães	—	24.100 pés de café
2	outros	—	105.000 pés de café.

\*

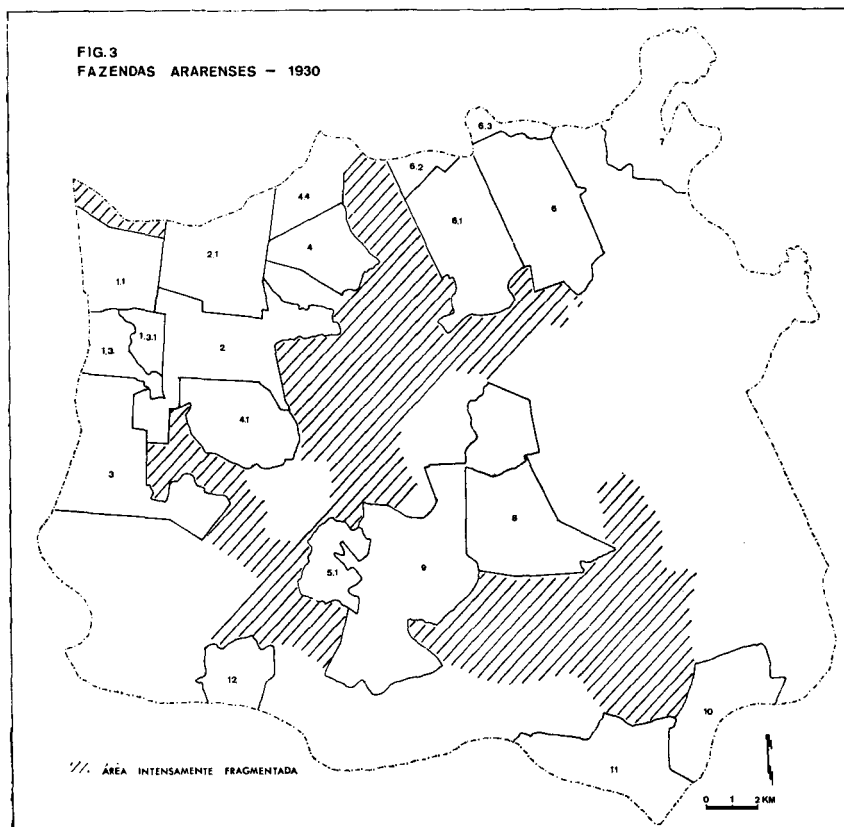
(23). — Arquivo da Faz. Campo Alto, Araras.

(24). — Planta do Núcleo Araruna, 1917.

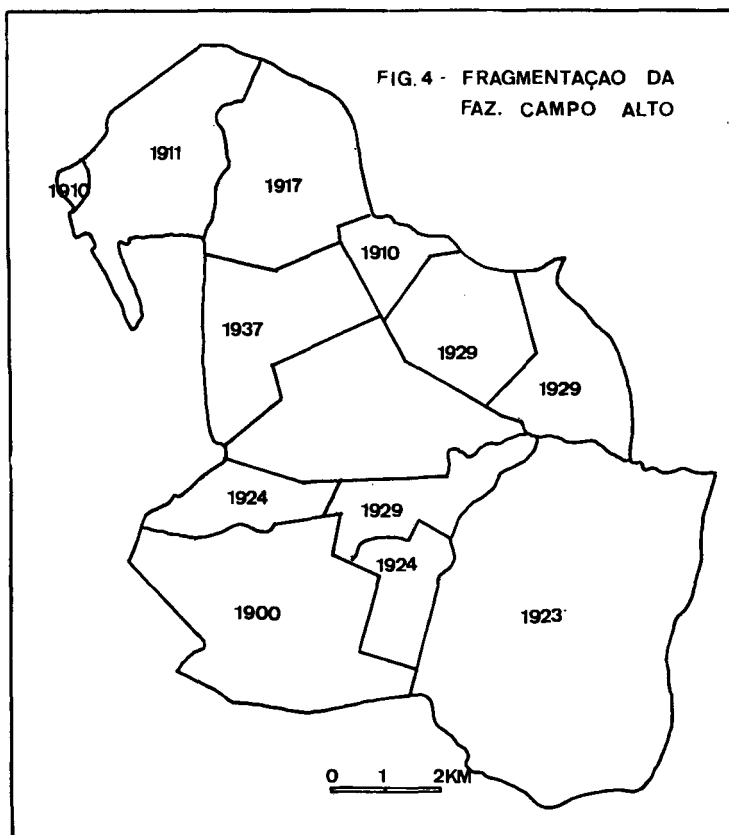
(25). — Marcello Piza, *Os Municípios do Estado de São Paulo*, Sec. da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, São Paulo, 1924, págs. 20-22.

### A CRISE DE 1929 E AS PROPRIEDADES AGRÍCOLAS ARARENSES.

Se os problemas anteriormente apresentados pela cafeicultura foram suficientes para a fragmentação das fazendas, muito mais forte foi a crise mundial de 1929, com amplas repercussões na economia agrícola paulista. Continuou, portanto, o processo de desagregação fundiária, agora em novas circunstâncias, pois nem tóda fragmentação dava origem a bairros rurais. Antigos colonos, que passaram a proprietário nos primeiros loteamentos, haviam enriquecido com a policultura que tinham iniciado e transformavam-se em fazendeiros. Assim, muitas antigas fazendas de café transformava-se em pequenas fazendas ou eram vendidas a antigos colonos. O processo de mudança social foi intenso e poucas fazendas não mudaram de proprietário passando, principalmente, para mãos de estrangeiros, explican-



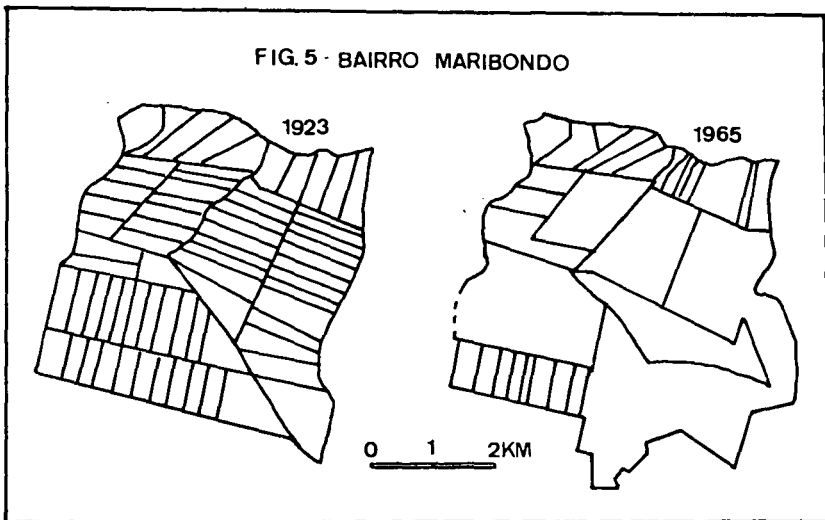
do a repartição atual das propriedades pelas diferentes nacionalidades. Atualmente predominam no município as propriedades pertencentes a italianos ou seus descendentes, tomando 74,1% das unidades fundiárias. Os brasileiros ou portugueses possuem 16,9% das propriedades, enquanto outros grupos ou seus descendentes, principalmente suíços, alemães e espanhóis, detêm apenas 9,0%. É bem verdade que a participação dos grupos estrangeiros nas propriedades agrícolas varia de acordo com o tamanho, pois os italianos e outros grupos de têm a quase totalidade das propriedades de menos de 83 hectares, 68,1% das propriedades de 83 a menos de 900 hectares, e 58,4% das fazendas maiores. A grande importância de proprietários pertencentes a tradicionais famílias paulistas como Prado, Silva Telles, Leite de Barros, e Nogueira e Lacerda, prova que algumas fazendas antigas permaneceram em mãos dos antigos proprietários ou seus descendentes. Entretanto, o processo de alteração do proprietário



ainda persiste, sobretudo em consequência da expansão das propriedades canaveiras pertencentes a membros da família Ometto.

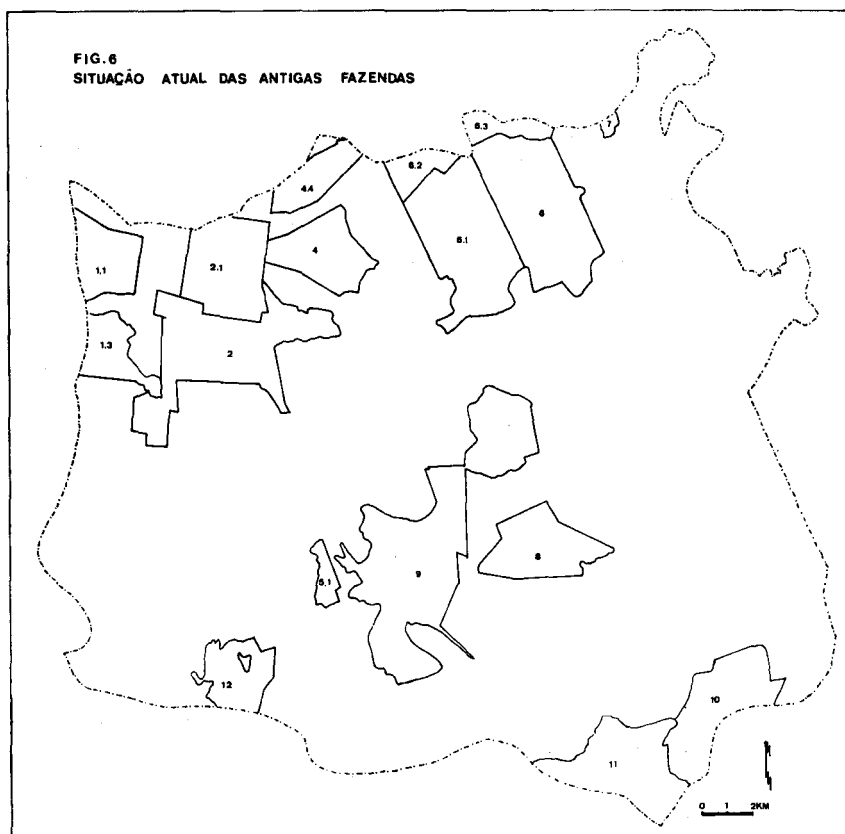
O processo de fragmentação, que foi muito atuante até cêrca de 1930, vem perdendo fôrça e sendo equiparado a um outro, também atuante, de aglutinação de propriedades. Enquanto a fragmentação continua, agora sobretudo em consequência de herança, a aglutinação ocorre tanto em função da compra de propriedades vizinhas por sítiantes mais prósperos, como pela expansão das usinas de açúcar, que chegam a formar grandes propriedades oriundas da aglutinação de sítios pequenos. Um outro fator que vem contribuindo para a alteração da malha fundiária é a especulação imobiliária, predominantemente em tórno da cidade de Araras, onde as terras adquiriram elevados preços.

Comparando-se a planta da divisão original do Bairro Maribondo (fig. 5), constituído por 71 lotes em 1923 (26), com a planta das propriedades atuais, apenas 30, vemos como pode ser alterado o cadastro. Ocorreram três casos de fragmentação e 58 casos de aglutinação, e sòmente 10 propriedades permaneceram inalteradas. O mesmo caso pode ser observado em outros bairros notando-se que, de modo geral, as áreas de solos mais pobres e cujos agricultores dispõem de menos capital de exploração, estão mais sujeitas aos processos de transformação fundiária. Voltando-nos para uma análise específica da situação das antigas fazendas cafeeiras, o que



(26). — Cartório do 1º Ofício de Araras, Planta do Núcleo Maribondo, 1923.

se observa é a diminuição substancial de suas áreas. Comparando-se os esboços das malhas fundiárias de 1880-1900 com a atual (1965) (fig. 6), vê-se que algumas fazendas perderam quase a totalidade de



suas terras, como é o caso das fazendas São Joaquim e Cascata, outras se reduziram muito, como a Campo Alto e Montevidéo, e outras quase não se alteraram, como as fazendas Araras e Santo Antônio. E' preciso esclarecer que a manutenção da fazenda como uma unidade não significa que a mesma tenha permanecido com o mesmo proprietário, pois algumas já estão em mãos de descendentes de italianos e fortemente ligadas à agro-indústria canavieira.

\*

## CONCLUSÃO.

A análise evolutiva do regime fundiário de Araras foi fundamental para a compreensão da situação agrária atual, que era assunto específico de nossa tese de doutoramento. O mapeamento das propriedades em diferentes épocas permitiu a análise pormenorizada das condições de áreas as mais distintas, a compreensão do desenvolvimento econômico das áreas de “bairros rurais” e de propriedades de estrangeiros ou seus descendentes. Por outro lado explicou, também, a relativa estagnação de outras áreas, que são exatamente aquelas onde a alteração da malha fundiária foi mínima. Em consequência do desenvolvimento acelerado por que vem passando o município, que começou com a maior ênfase na policultura e na lavoura da cana-de-açúcar, justifica-se o fato de os tipos de agricultura menos desenvolvidos se encontrarem, sobretudo, em fazendas que quase não se alteraram e permanecem em mãos dos antigos proprietários. Estas áreas permanecem ligadas a uma tradição que discorda do dinamismo e das técnicas de cultivo mais modernas e científicas, em suma, de uma agricultura mais desenvolvida efetuada em outras áreas, sobretudo naquelas ligadas à agro-indústria açucareira.

\* \* \*

### ANEXO.

#### ÍNDICE DAS FAZENDAS CARTOGRAFADAS.

1. — Fazenda Angélica.
  - 1.1. — Fazenda Boa Esperança.
  - 1.2. — Fazenda República.
  - 1.3. — Fazenda Belmonte.
    - 1.3.1. — Fazenda Santa Maria do Fachini.
2. — Fazenda Campo Alto.
  - 2.1. — Fazenda Bom Jesus.
3. — Fazenda Santa Cecília.
4. — Fazenda (Sítio) Montevidéo.
  - 4.1. — Fazenda São Joaquim.
  - 4.2. — Fazenda Araruna.
  - 4.3. — Fazenda Santa Clementina.
  - 4.4. — Fazenda São Bento.
5. — Sítio Facão.
  - 5.1. — Fazenda São Tomé.
6. — Fazenda Araras.
  - 6.1. — Fazenda Santa Cruz.
  - 6.2. — Fazenda Graminha.
  - 6.3. — Fazenda Santa Terezinha.
7. — Fazenda Cascata.
8. — Fazenda Campo Alto.
9. — Fazenda Santo Antônio.
10. — Fazenda Pinhalzinho.
11. — Fazenda Três Lagoas.

12. — Fazenda Paineiras.  
13. — Fazenda Jardim.

\* \*  
\*

### INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Lycurgo Santos Filho* (Faculdade Estadual de Medicina de Campinas e Faculdade de Filosofia de Campinas).

Em suas pesquisas, encontrou o Prof. José Alexandre documentação que permita o estudo da organização agrária e das condições sócio-econômicas vigentes nas fazendas paulistas do século passado? Quer me parecer que inexistente a documentação, por perda ou destruição, como aconteceu, em Campinas na Fazenda Sete Quedas.

\*

Do Prof. *Luís Lisanti* (F.F.C.L. de Marília).

1). — Qual a origem da fragmentação da propriedade: heranças ou crises econômicas?

2). — Quais as relações entre a estrutura de propriedades e a estrutura das produções?

3). — Notou alguma relação entre a economia de auto-consumo e a de estrutura agrária? Para a busca de um modelo de evolução agrária do sul do País.

\*

Do Prof. *Almir C. El-Kareh* (Universidade Federal Fluminense).

Gostaria de saber se o aparecimento e desenvolvimento da pequena propriedade agrícola, num momento de decadência — ou melhor, crise econômica — não foi uma das razões de falência das grandes propriedades, na medida em que perdia sua mão-de-obra, atraída pela oportunidade dos colonos de se tornarem pequenos proprietários.

\*

Da Profa. *Maria da Conceição Martins Ribeiro* (F.F.C.L. de Rio Claro).

Conseguiu perceber, no relacionamento com os proprietários, uma possibilidade de entrega de documentos antigos, sob custódia, a um organismo municipal encarregado da sua conservação?

\* \*  
\*

RESPOSTAS DO PROF. JOSÉ ALEXANDRE FILIZOLA DINIZ.

Ao Prof. *Lycurgo Santos Filho*.

Há dificuldade de se encontrar documentação. Em alguns casos conseguem-se plantas das fazendas. Por exemplo, na Fazenda Angélica havia uma documentação que foi totalmente destruída. O que restou data de 1930.

Nesta está implícita a resposta à Profa. *Maria da Conceição Martins Ribeiro*.

\*

Ao Prof. *Luís Lisanti*.

1). — No trabalho, analisa as duas fragmentações. Predomina a fragmentação por crise econômica. Em raros casos, há fragmentação por herança.

2). — Depois que o café desaparece, ou melhor, decai, as grandes fazendas cafeeiras entram em decadência. Iniciam-se economias paralelas ao café, vale dizer a policultura.

3). — A economia de auto-consumo em Araras é mínima. Dentro das propriedades de latifúndio e minifúndio há pequenas produções diversificadas. Persiste a produção de subsistência em parceria com o minifúndio. A base econômica é o café e a pecuária.

4). — Levantamento pelo Instituto agro-econômico de Campinas.

\*

Ao Prof. *Almir El-Kareh*.

A crise observada em Araras, começa a fragmentar as grandes propriedades. A decadência de Araras coincide com a formação de outras grandes fazendas cafeeiras. A fragmentação continuou até 1930. Após este período houve a recuperação das grandes fazendas na base da policultura: mandioca e laranja.